

Móia, Telmo

O queísmo com predicados verbais no registo escrito do português europeu padrão contemporâneo

Études romanes de Brno. 2025, vol. 46, iss. 2, pp. 318-340

ISSN 2336-4416 (online)

Stable URL (DOI): <https://doi.org/10.5817/ERB2025-2-24>

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/digilib.83326>

License: [CC BY-SA 4.0 International](#)

Access Date: 19. 12. 2025

Version: 20251215

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

O queísmo com predicados verbais no registo escrito do português europeu padrão contemporâneo

Preposition Omission before Declarative Finite Complement Clauses ('queísmo') Selected by Verbs in Contemporary Written European Portuguese

TELMO MÓIA [tmoia@letras.ulisboa.pt]

Universidade de Lisboa, Portugal

<https://orcid.org/0000-0002-0288-2604>

RESUMO

Neste trabalho, analisa-se a tendência para suprimir preposições argumentais antes da conjunção integrante *que*, isto é, antes de orações completivas declarativas finitas. São consideradas diversas preposições, em especial *de*, *em*, *com* e *para*. O foco é no registo escrito (neutro ou formal) do português europeu contemporâneo, tal como documentado, por exemplo, em texto jornalístico ou em texto ficcional traduzido. Após uma breve revisão da literatura, são apresentados dados quantitativos resultantes de pesquisas sistemáticas em *corpora* sobre a tendência em causa, sendo destacados os verbos com que ela mais frequentemente se manifesta. Estes dados poder ser úteis para diferentes profissionais da língua (em áreas como o ensino, a tradução, ou a revisão de texto). Observa-se que os verbos se agrupam em diferentes classes, em função da frequência do queísmo, e que estas envolvem diferenças na perceção dos falantes sobre a maior ou menor adequação das formas a contextos de elevada formalidade.

PALAVRAS-CHAVE

preposições argumentais; conjunção integrante *que*; orações completivas; queísmo; anomalia linguística; variação linguística

ABSTRACT

This paper discusses the tendency to omit argumental prepositions before the conjunction *que* 'that', i.e. before declarative finite complement clauses. Several prepositions are scrutinised, mainly *de* 'of', *em* 'in', *com* 'with', and *para* 'for'. The focus is on the (neutral or formal) written registers of contemporary European Portuguese, as documented, for example, in newspaper texts or in translated fiction. After a brief literature review, quantitative data obtained from systematic queries in corpora is used to characterise the trend in question, with an emphasis on the verbs it most frequently co-occurs with. This data may be useful for different language professionals (in areas such as teaching, translation or proofreading). It is underlined that verbs are grouped into different classes, depending on the frequency of the omission at stake,

and that these classes associate with differences in the speakers' perception of greater or lesser adequacy in highly formal contexts.

KEYWORDS

argumental prepositions; conjunction *que* ('that'); complement clauses; language anomaly; language variation

RECEBIDO 2025-06-02; ACEITE 2025-08-18

Este trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) com verbas do projeto estratégico do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa UIDB/214/2025 (<https://doi.org/10.54499/UID/00214/2025>).

1. Introdução

Este trabalho analisa a tendência para suprimir preposições argumentais antes de orações completivas declarativas finitas em português, isto é, antes da conjunção integrante *que*, com foco no registo escrito, neutro ou formal, do português europeu contemporâneo. O português brasileiro é considerado de forma pontual, e marginal, deixando-se um estudo sobre potenciais diferenças entre as duas variedades para investigação futura. Por razões de espaço, apenas são explorados os casos que envolvem predicados verbais, como (1), abaixo, sendo os que envolvem predicados adjetivais, como (2), ou predicados nominais, como (3), referidos de forma muito superficial. O fenómeno em questão é frequentemente referido com o termo, que aqui adoto, de **queísmo** (cf., e.g., Gómez Torrego, 1999; Blas Arroyo & Velando Casanova, 2022; para o espanhol, língua em que o termo foi cunhado; Duarte, 2003; Barbosa, 2013; para o português). A tendência em causa é muito forte nas estruturas que envolvem a preposição *de*, que são as mais estudadas na literatura.¹

- (1) O secretário avisou o presidente ~~de~~ que a reunião ia ser cancelada.
- (2) Estamos cientes ~~de~~ que nada de significativo se alterará.
- (3) A hipótese ~~de~~ que tivesse havido fraude foi contemplada.

Mas verifica-se igualmente com alguns predicados que selecionam outras preposições, em especial *em*, *com* e *para*. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (4) O presidente insistiu ~~em~~ que era necessário redimensionar a empresa.
- (5) Contávamos ~~com~~ que todos os acionistas estivessem presentes na reunião.
- (6) Os moradores foram alertados ~~para~~ que um temporal se ia abater sobre a cidade.

1 Aliás, o termo “queísmo” foi criado essencialmente para casos de omissão de *de* (como oposto a “dequeísmo”, para adição espúria de *de*), mas uso-o aqui num sentido lato, de realização da conjunção *que* sozinha em contextos onde a grelha argumental dos predicados determinaria a presença de uma qualquer preposição, não realizada.

O objetivo central deste trabalho é fazer um retrato pormenorizado do *queísmo* com predicados verbais, no registo escrito da variedade padrão contemporânea, principalmente do português europeu, apresentando dados quantitativos de frequência, obtidos em *corpora*, que creio não estejam disponíveis na literatura, e que revelam algumas facetas curiosas do fenómeno. Considera-se centralmente o CETEMPúblico, um *corpus* de texto jornalístico português com cerca de 195 milhões de palavras, que representa prototipicamente o registo padrão contemporâneo do português europeu; foram aí realizadas diversas pesquisas sistemáticas, de que resultaram sete quadros com dados quantitativos.² O recurso a pesquisas sistemáticas permite destacar todos os verbos que ocorrem com frequência elevada nas construções relevantes, em vez de apenas uma seleção arbitrária destes. Consideram-se ainda, mais marginalmente, os *corpora* de texto literário Vercial (com cerca de 15 milhões de palavras, de autores portugueses dos séculos XVI a XX) e OBRas (com cerca de 10 milhões de palavras, de autores brasileiros), para trazer o *input* de um registo de referência para o estabelecimento da norma padrão. Em casos muitos pontuais, em que se faz a comparação das variedades portuguesa e brasileira, considera-se também o *corpus* NILC/São Carlos, constituído predominantemente por texto jornalístico brasileiro (com especial destaque para a *Folha de São Paulo*), com cerca de 32 milhões de palavras. São ainda tidos em conta – neste caso, apenas para efeitos ilustrativos – dados de texto traduzido recente (principalmente ficcional), publicado em Portugal, que oferece a perspectiva de um registo contemporâneo comparável com os anteriores.

Foram ainda sistematicamente consultados três dicionários de referência: o *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, de 2001, doravante, referido abreviadamente como “Dicionário da Academia”; o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, também de 2001, doravante, referido abreviadamente como “Dicionário Houaiss”; o *Dicionário de verbos e regimes*, de Francisco Fernandes, cuja primeira edição data de 1940, aqui citado na sua edição de 1990. Naturalmente, para uma visão mais abrangente, importará cotejar as opiniões expressas nestas obras lexicográficas com as de outras que aqui não foram consideradas.

A tendência para suprimir a preposição *de* antes de orações completivas declarativas finitas em português tem sido muito discutida na literatura. Para o português, encontram-se extensas análises em, por exemplo, Peres & Móia (1995) ou Barbosa (2013).³ Para o espanhol, existe uma obra recente, monumental, Blas Arroyo & Velando Casanova (2022), que cobre diferentes aspetos do fenómeno, incluindo, destacadamente, a sua vertente diacrónica, onde se detetam muitos comportamentos gramaticais idênticos aos do português. A supressão das outras preposições, a que será dado bastante destaque neste trabalho, tem sido menos estudada; sobrepõe

2 Por facilidade, apenas foram realizadas pesquisas de verbos imediatamente seguidos de *que* ou de preposição + *que*, quando binários (e.g. [lema=“gostar.*”] “que” / [lema=“gostar.*”] “de” “que”), e do verbo separado de *que* ou de preposição + *que* por até quatro palavras, quando ternários (e.g. [lema=“informar.*”] [] {0,4} “que” / [lema=“informar.*”] [] {0,4} “de” “que”). Assim, os números nos diferentes quadros deste trabalho não são números totais de *queísmo*, apenas números totais do fenómeno nas condições pesquisadas. Em todo caso, eles representam certamente a vasta maioria das ocorrências relevantes. Nos casos em que o número de resultados foi inferior a 200, foram lidas todas as sequências, de modo a excluir eventuais resultados irrelevantes; nos casos em que o número foi superior a 200, foram lidas apenas as primeiras 200 ocorrências e identificada uma taxa de relevância, que foi depois aplicada ao número total.

3 Essa tendência observa-se também, com diferentes contornos gramaticais, noutros contextos, que não serão aqui considerados: e.g. antes de orações completivas interrogativas – cf. Peres & Móia (1995), Barbosa (2013) ou Móia (2024); antes de pronomes relativos, em construções não canónicas com supressão da preposição (cf. e.g. Peres & Móia, 1995 ou Alexandre, 2000).

principalmente a análise recente, em Barbosa (2013, pp. 1869–1873), que refere supressões de *em*, *com* e *por*, com os predicados *insistir* [*em*], *confiar* [*em*], *contar* [*com*] e *ansiar* [*por*]; em espanhol, este tipo de supressão também se verifica – cf. Gómez Torrego (1999, pp. 2133–2134).

Como é amplamente reconhecido, o estatuto do *queísmo* na variedade padrão da língua (ou “variedades padrão”, se considerarmos Portugal e o Brasil) não é consensual. A gramaticalidade da supressão de preposições argumentais antes da conjunção integrante *que* em registos escritos neutros ou formais da língua não tem um reconhecimento idêntico entre todos os falantes, nos diferentes contextos em que se manifesta, estando sujeita a forte variação diastrática, e até diafásica; há ainda interferência de mudança linguística, no uso de certos predicados, sendo a variação diacrónica certamente um fator importante a ponderar. A complexidade e multifatorialidade do *queísmo* é frequentemente sublinhada pelos autores que discutem o assunto. Por exemplo, Peres & Móia (1995) sublinham que

[...] é uma área em que é particularmente difícil determinar a agramaticalidade ou marginalidade de determinados usos. Esta tarefa é dificultada pelo facto de existirem frequentemente distintas possibilidades de escolha no que respeita ao uso de preposições argumentais, que podem variar na frequência ou suscitar dúvidas que os dicionários não esclarecem, ou ainda que, embora dicionarizadas ou com abonações literárias, estão praticamente fora de uso na linguagem contemporânea (1995, pp. 108–109)

Muitas gramáticas do português, incluindo as tradicionais, associam a supressão de preposições em análise mais a uma questão de variação estilística do que de gramaticalidade *stricto sensu*, dada a existência de numerosas abonações literárias do fenómeno. Cunha & Cintra (1984, p. 615), por exemplo, tratam a supressão como uma “figura de sintaxe”, nomeadamente de “elipse (como processo gramatical)”, referindo que

São correntes [...] as ELIPSES [...] da preposição *de* antes da [conjunção] integrante que introduz as orações objetivas indiretas e as completivas nominais. § «Bem me **lembro que** [...] eu mesmo alcancei a casa de Dona Rosinha [...]» (Augusto Frederico Schmidt, [...]) § “Tem **medo que** fique alguém fora da malhada!... (Alves Redol, [...]) § “Uma vez **certa que** morria, ordenou o que prometera a si mesma. (Machado de Assis, [...]) (1984, pp. 614–615)

O reconhecimento da supressão como uma estratégia válida dentro da variedade padrão, em variação livre com a realização da preposição, tem possivelmente contornos distintos conforme a categoria sintática do predicado selecionador: com verbos e certas expressões predicativas verbais complexas de base adjetival ou nominal, como *estar convencido*, *ter medo* ou *estar à espera* (cf. Almeida, 1999/1943, p. 526; Barbosa, 2013, p. 1895; para o espanhol, Gómez Torrego, 1999, p. 2136), tende porventura a ser mais bem aceite do que com adjetivos e nomes, simples (cf. e.g. Barbosa, 2013, p. 1891).

Genericamente, em registos escritos mais formais, costumam ser preferidas as variantes com realização da preposição. É essa, por exemplo, a preferência manifestada por Peres & Móia (1995), a propósito de estruturas com *convencer* (*alguém de que*), *estar convencido* (*de que*) ou *ter a certeza* (*de que*):

[...] [este] tipo de supressão de preposições argumentais [...] corresponde a um fenómeno bastante difundido [...], que muitos dicionários e gramáticas registam, que encontramos em muitos dos nossos melhores autores e que parece ser aceite por grande parte dos falantes. Assim sendo, [...] não consideramos as estruturas em causa malformadas ou agramaticais, embora prefiramos aquelas em que não houve supressão. (1995, pp. 111–112)

Mas há exceções à preferência pelo uso da preposição, mesmo nos registos escritos mais formais, como é o caso amplamente conhecido de *gostar*, que ocorre quase sempre na sequência *gostar que*, sendo raro, e muitas vezes até sentido como pouco natural, na sequência *gostar de que*. A existência de subgrupos de verbos com variação na preferência pela supressão da preposição argumental antes da conjunção integrante *que* será discutida neste trabalho, e destacada nas conclusões.

Creio que o conhecimento pormenorizado da sensibilidade contemporânea à supressão de preposições argumentais antes de *que* nos diversos contextos, com a consideração central de dados quantitativos de frequência, tem especial interesse no trabalho com a língua em diferentes áreas. Destaco aqui três: a tradução, em que a receptividade dos leitores pode ser um fator a considerar na escolha de variedades em competição; o ensino – tanto de língua materna, como, muito especialmente, de português como língua estrangeira –, em que a escolha entre formas em competição, principalmente quando elas não apresentam o mesmo grau de naturalidade, é um dado importante a ter em consideração (e a discutir com os estudantes); a comparação de variedades do espaço lusófono, com destaque para as variedades africanas, que tendem a caracterizar-se por contraste com a (perceção do que é) a chamada norma padrão do português europeu. Numa palavra, espera-se que a informação aqui trazida e discutida possa contribuir para orientar os profissionais da língua – tradutores ou professores, entre outros – nos contextos de trabalho relevantes.

Na secção 2, são considerados, muito sucintamente, os diferentes argumentos linguísticos que têm sido invocados na literatura para considerar que, nas estruturas relevantes, a preposição faz parte da grelha argumental dos predicados e que, portanto, a sua omissão constitui uma instância de *queísmo* (o que, como veremos, não é totalmente claro em todos os casos). Nas duas secções seguintes, o fenómeno é analisado de forma pormenorizada, para diferentes predicados e preposições. Na secção 3, consideram-se as estruturas que envolvem exclusivamente a preposição *de*, as mais estudadas na literatura, e onde o fenómeno parece ser mais sistemático, e, na secção 4, as que envolvem as outras preposições, com destaque para *em*, *com* e *para*. Em 3.1, são discutidos seis predicados verbais em relação aos quais o fenómeno do *queísmo* apresenta fortes idiossincrasias gramaticais: *precisar*, *necessitar*, *gostar*, *duvidar*, *suspeitar* e *desconfiar*. Em 3.2, são discutidos os restantes predicados verbais que selecionam apenas a preposição *de* e que ocorrem com frequência mais elevada no CETEMPúblico: oito predicados binários, sete dos quais intrinsecamente pronominais (*queixar-se*, *convencer-se*, *certificar-se*, *aperceber-se*, *recordar-se*, *esquecer-se*, *lembrar-se*; *discordar*) e quatro predicados ternários com um argumento interno nominal não preposicionado (*persuadir*, *convencer*, *informar*, *acusar* [alguém de alguma coisa]). Na secção 4, é considerada a supressão de preposições argumentais diferentes de *de*, nomeadamente *em*, *com*, *para* e, mais marginalmente, *a* e *por* (por vezes, em variação livre com o próprio *de*); são aqui focados cerca de uma vintena de predicados verbais com taxas de *queísmo* relativamente

elevadas, incluindo alguns que admitem mais de uma regência preposicional (e.g. *concordar com/em, apelar a/para, advertir de/para*).

2. A fundamentação gramatical para a ideia de elipse da preposição

Na base da hipótese de que as construções relevantes envolvem uma forma de elipse de preposição antes da conjunção *que* está a ideia de que a grelha argumental dos predicados integra uma preposição no argumento oracional relevante, a qual se manifesta sistematicamente quando o predicado se combina com argumentos nominais ou oracionais infinitivos e bem assim quando há pronominalização (cf. e.g. Peres & Móia, 1995; Barbosa, 2013). Ou seja, a ideia-base é que os predicados em causa não são genuínos verbos transitivos diretos, facto que se reflete noutros comportamentos gramaticais, como a sua incompatibilidade com construções passivas participiais, por exemplo.

Vejamos, a título de exemplo, a combinação dos verbos *gostar* e *concordar* com os vários tipos de complementos referidos, em contraste com o verbo transitivo direto *aceitar*. As diferenças ilustradas justificam a postulação de uma preposição argumental *de* e *com/em*, respetivamente, para os dois primeiros predicados. Note-se que, na pronominalização, foi usado o pronome interrogativo, em (8), além do pronome demonstrativo *isso*, que é o que mais comumente é usado neste tipo de testes na literatura, em (9). Considero que os pronomes interrogativos são especialmente úteis para revelar da presença de preposições na grelha argumental.⁴

- (7) O presidente {gostou / concordou / aceitou} que o secretário o ajudasse.
- (8) O presidente {gostou *(d)o quê / concordou *(com) o quê / aceitou o quê}?
- (9) O presidente {gostou *(d)isso / concordou *(com) isso / aceitou isso}?
- (10) O presidente {gostou *(d)a / concordou *(com) a / aceitou a} ajuda.
- (11) O presidente {gostou *(de) ser / concordou *(em) ser / aceitou ser} ajudado.

Os (quase quarenta) verbos estudados neste trabalho não se comportam exatamente todos da mesma maneira, na sua combinação com estes diferentes tipos de argumentos. Trata-se de um facto que, como veremos, tem grande importância gramatical. Analisaremos as propriedades individuais de cada um dos verbos destacados, nas secções relevantes, adiante.

Note-se, marginalmente, que as diferenças na combinação com complementos oracionais declarativos finitos leva a construções assimétricas (mas plenamente canónicas) entre a combinação com frases finitas e a combinação com pronomes, como as de (12) e (13), em contraste com construções simétricas, do tipo de (14) e (15):

- (12) Não gosto **que** grites. Já te disse várias vezes que não gosto **disso**.
- (13) Concordo **que** é preciso proteger as minorias. Sempre concordei **com isso**.
- (14) Aceito **que** tudo fique na mesma. Aceito **isso** porque não há alternativa.
- (15) Acedo **a que** a discussão seja adiada. Acedo **a isso** de bom grado.

4 O asterisco antes dos parênteses curvos é usado para sinalizar a agramaticalidade da supressão dos elementos entre parênteses.

3. A supressão da preposição argumental *de* antes de orações completivas declarativas finitas em português

3.1 Seis predicados verbais especiais – *gostar, precisar, necessitar, suspeitar, desconfiar, duvidar*

Nesta secção, são considerados seis predicados verbais (binários) com um comportamento gramatical especial que se reflete numa aceitação plena, ou quase plena, do queísmo, mesmo em registos escritos formais da variedade padrão. Com cinco deles, *gostar, precisar, necessitar, suspeitar* e *desconfiar* (estes dois últimos, com um sentido epistémico parafraseável por ‘ter a suspeita de que é verdadeiro’), creio que as construções com queísmo são até preferidas, pela generalidade dos falantes portugueses, em todos os registos, em linha com valores de utilização acima de 80% para todos eles, nas pesquisas realizadas. Com o outro, *duvidar*, poderá haver uma preferência pelas construções com a preposição *de* por parte de falantes mais conservadores (preferência expressa em e.g. Peres e Móia, 1995), mas creio que as construções com queísmo não são sentidas como formas a evitar, mesmo em registos formais. Naturalmente, só estudos sociolinguísticos mais apurados poderão determinar a validade da impressão subjetiva aqui expressa.

As taxas de queísmo com estes seis predicados, no CETEMPúblico, oscilam entre um mínimo de 75% para *duvidar* e um máximo de 99% para *gostar*:

	DE QUE	QUE		total
GOSTAR	28	2.408	99%	2.436
PRECISAR	8	267	97%	275
NECESSITAR	6	50	89%	56
SUSPEITAR	281	1.242	82%	1.523
DESCONFIAR	67	305	82%	372
DUVIDAR	354	1.046	75%	1.400

Quadro 1. Número estimado de ocorrências do verbo com e sem a preposição argumental *de* antes de orações completivas declarativas finitas (imediatamente adjacentes), no CETEMPúblico

Como se pode observar, para todos estes verbos, a preferência dos jornalistas portugueses vai sempre para o queísmo. No caso dos tradutores (de texto ficcional), não tenho dados quantitativos, mas creio que a preferência é idêntica para *precisar, necessitar* e *gostar*, e se observa forte oscilação com *suspeitar, desconfiar* e *duvidar*. No caso destes três últimos predicados, não é raro encontrar as duas construções no mesmo livro – cf. (17) e (18).

- (16) “Freyja [...] **suspeitava de que** o detetive que a tinha interrogado o fizera na esperança de a ouvir dizer que era provável que se tratasse de um refugiado.” (Yrsa Sigurdardóttir, *A Consequência*, trad. do inglês, original islandês, Quetzal, 2024, p. 66); “Ela **suspeitava que** ele queria algo mais do que uma simples amizade [...].” (Ragnar Jónasson, *A Escuridão*, trad. do inglês, original islandês, Topseller, 2019, p. 121)

- (17) “Sædis **desconfiava de que** a situação da miúda em casa deixava muito a desejar.” (Yrsa Sigurdardóttir, *A Consequência*, trad. do inglês, original islandês, Quetzal, 2024, p. 375); “A filha [...] **desconfiava que** o pai não era um alcoólico típico [...].” (*ibid.*, p. 76)
- (18) “[...] Strike, que não **duvidava de que** [Robin] [...] era capaz de encenar uma situação [...], limitou-se a assentir.” (Robert Galbraith, *Branco Letal*, trad. do inglês, Editorial Presença, 2022, p. 372); “Robin **duvidava que** as pessoas com quem tivera um contacto rápido se lembrassem dela [...].” (*ibid.*, p. 121)

A compreensão da idiossincrasia destes seis verbos face ao **queísmo** ganha muito com a análise do seu comportamento com dois outros tipos de complementos: complementos oracionais infinitivos e complementos nominais. Vejamos cada caso separadamente. O seu comportamento com complementos infinitivos é muito variável, como se pode observar no Quadro 2 abaixo.⁵

	de + V _{INFINITIVO}	V _{INFINITIVO}		total
GOSTAR	13.393	15	0,1%	13.408
PRECISAR	6.255	525	8%	6.780
NECESSITAR	1.434	162	10%	1.596
SUSPEITAR	10	248	96%	258
DESCONFIAR	1	31	97%	32
DUVIDAR	2	13	87%	15

Quadro 2. Número estimado de ocorrências do verbo com e sem a preposição argumental *de* antes de orações completivas infinitivas (imediatamente adjacentes), no CETEMPúblico

Distinguem-se quatro grupos. Com *gostar*, a presença da preposição *de* com complementos infinitivos é praticamente obrigatória. Com *precisar* e *necessitar*, a competição é fortemente desequilibrada em favor da realização de *de*, ainda que com um número significativo de registos (sentidos como plenamente gramaticais e naturais) sem a preposição, em torno de 8–10%. Com *suspeitar* e *desconfiar*, também há competição significativa, mas agora fortemente desequilibrada a favor da omissão de *de* (em torno de 96–97%), sendo as construções com *de* porventura sentidas como pouco naturais, especialmente no caso de *desconfiar* – cf. e.g. “O novo acordo prevê que diplomatas (...) acompanhem os inspectores (...), o que será «um mecanismo para vigiar a UNSCOM, que o Iraque *desconfia de estar* ao serviço dos EUA».” (CETEMPúblico, ext253600-nd-98a-2). Quanto ao verbo *duvidar*, raramente é combinado com complementos infinitivos, selecionando quase sempre complementos oracionais finitos – comparem-se os 1.400 registos do Quadro 1 com os 15 do Quadro 2; porém, quando essa combinação é feita, prevalece também a omissão da preposição *de* (87%). Assim, com *suspeitar*, *desconfiar*, *duvidar*, *precisar* e *necessitar*, há um combinação preferencial, nos três primeiros casos, ou plenamente regular

5 Foram pesquisadas apenas sequências de cada predicado imediatamente seguido de verbo no infinitivo ou de preposição + verbo no infinitivo (e.g. [lema=“suspeitar.*”] [pos=“V.*” & temcagr=“INF.*”] / [lema=“suspeitar.*”] “de” [pos=“V.*” & temcagr=“INF.*”]).

ainda que não preferencial, nos últimos dois casos, com complementos oracionais infinitivos não preposicionados; creio que este facto, que redunde em os predicados apresentarem a estrutura superficial de verbos transitivos diretos (sem a preposição argumental *de*), se correlaciona diretamente com a elevada prevalência do *queísmo*, na combinação com complementos finitos. O verbo *gostar* é um caso único, excecional, na medida em que o *queísmo* prevalece, apesar da impossibilidade de combinar o verbo com outros complementos não preposicionados; trata-se, pois, como é amplamente reconhecido na literatura, de um verbo com um comportamento absolutamente singular.

Consideremos agora a combinação destes seis verbos com complementos nominais, que também não é uniforme. O verbo *gostar* parece bloquear totalmente, no português contemporâneo, a combinação com complementos nominais não preposicionados. Os verbos *precisar* e *necessitar* distinguem-se por não bloquearem totalmente essa combinação; aliás, vários dicionários registam usos transitivos diretos de *precisar* e *necessitar* (cf. e.g. *preciso dinheiro* ou *precisam-se empregados* em Fernandes 1990/1940, p. 471);⁶ porém, o uso transitivo direto é muito residual no português contemporâneo. O verbo *duvidar* distingue-se por também serem referidos genuínos usos como transitivo direto em dicionários (e.g. *duvidar alguma coisa*, Morais, *apud* Fernandes 1990/1940, p. 250); creio, contudo, que as construções com complementos diretos são hoje sentidas como pouco naturais, ou arcaizantes (impressão que, obviamente, só estudos sociolinguísticos mais aprofundados poderão confirmar ou infirmar). Finalmente, em relação a *suspeitar* e *desconfiar*, importa garantir que, na combinação com complementos nominais, se considera apenas o sentido epistémico relevante ('ter a suspeita de que é verdadeiro'), ou um sentido próximo dele ('ter a suspeita de que existe', 'ter a suspeita de que pode ocorrer'). Para *suspeitar*, também são referidos em dicionários usos do verbo como transitivo direto, com os valores epistémicos *lato sensu* em causa (e.g. *suspeitar a proximidade da morte*, no Dicionário Houaiss). Pesquisas no CETEMPúblico revelam que a combinação de *suspeitar* com alguns argumentos nominais não preposicionados situacionais ainda se observa (e.g. *suspeitar a existência de*), ainda que a realização da preposição seja muito mais frequente. Observe-se a curiosa oscilação na regência preposicional no seguinte exemplo:

- (19) “Há apenas duas situações onde essa protecção cede perante o dever de investigação do Estado: quando se **suspeita da** prática de crimes ou de actividade fraudulenta na aquisição de meios de fortuna ou quando se **suspeita a** ocorrência de infracções fiscais.” (CETEMPúblico, ext761657-nd-95b-2)

Finalmente, o verbo *desconfiar*, que tem um significado epistémico próximo do de *suspeitar*, não parece combinar-se de todo com complementos nominais não preposicionados.

Independentemente das diferenças de comportamento, creio que a combinação direta dos seis verbos discutidos nesta secção com completivas declarativas finitas pode ser considerada plenamente canónica e utilizável em quaisquer contextos escritos, independentemente do seu grau de formalidade. O facto de essa combinação ser sentida como integrante de pleno direito da variedade padrão reflete-se na existência de abonações em dicionários de referência, para todos os

6 Naturalmente, se assumirmos a existência de complementos não preposicionados na base (sendo os verbos genuinamente transitivos diretos), as construções relevantes (*precisar/necessitar que*) não serão exemplos de *queísmo*.

verbos em causa. Por vezes, aliás, até só são dadas abonações sem a preposição (e sem qualquer referência à sua eventual elipse). É o que acontece no Dicionário da Academia, para os seis verbos em análise. Curiosamente, o dicionário brasileiro Houaiss tem uma posição um pouco mais conservadora: em relação a *gostar*, *precisar*, *necessitar* e *desconfiar*, menciona a frequente elipse de *de* antes de orações finitas e, em relação a *duvidar*, só dá uma abonação com realização da preposição, não mencionando a possibilidade da sua supressão. A aceitação plena das construções com *duvidar que* em registos escritos muito formais é, aliás, porventura, a menos consensual entre os seis verbos. Peres & Móia (1995), por exemplo, apresentam a construção como uma forma que, na sua opinião, é não preferencial (incluindo na sua obra exemplos com *duvidar*, mas não com os restantes cinco verbos). Curiosamente, na breve discussão sobre a conjunção integrante, Jeronymo Soares Barbosa, na sua *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* (Soares Barbosa, 1881/1822), dá um exemplo com o verbo *duvidar* não preposicionado: *duvido que parta à manhã* (mas repõe a preposição na pronominalização: *duvido d'isto, que é, parta [à manhã]*) – cf. pp. 252–253.

3.2 Restantes predicados verbais

Os restantes predicados verbais que selecionam exclusivamente a preposição *de* associam-se com bastante frequência, ainda que significativamente menor (com exceção de *discordar*), ao *queísmo*, ilustrando prototipicamente situações em que os falantes mais conservadores, pelo menos em registos formais, preferem realizar a preposição. No Quadro 3, podem ser observadas as taxas de *queísmo* no CETEMPúblico, para o conjunto de predicados que, nas pesquisas, revelaram maior número de ocorrências.⁷ Sublinhe-se que um conjunto de verbos que ocorrem maioritariamente com a preposição argumental *de*, mas também aceitam, mais marginalmente, a preposição argumental *para* (e.g. *avisar*, *advertir*, *alertar*) serão discutidos adiante, na secção 4.3, dedicada à preposição *para*.

7 O estatuto de *se* em *convencer-se* é discutível. Em certos usos, sinaliza uma construção reflexa, que aceita o reforço com *a si próprio*, devendo *convencer-se* ser tratado como uma instância do predicado ternário não pronominal *convencer* (cf. e.g. Barbosa, 2013, p. 1871). Mas creio que, em certos outros usos, a forma *convencer-se* já está gramaticalizada como intrinsecamente pronominal, sendo muito pouco natural o reforço típico das construções reflexas: *cada vez me convenço mais* (**a mim próprio*) *de que tenho razão*! Por facilidade, os dois usos não são aqui distinguidos.

		DE QUE	QUE		total
predicados binários não intrinsecamente pronominais	DISCORDAR	28	93	77%	121
predicados binários intrinsecamente pronominais	QUEIXAR-SE	972	361	27%	1.333
	CERTIFICAR-SE	149	73	33%	222
	APERCEBER-SE	912	660	42%	1.572
	RECORDAR-SE	67	61	48%	128
	ESQUECER-SE	405	712	64%	1.117
	LEMBRAR-SE	356	745	68%	1.101
predicados binários intrinsecamente pronominais ou ternários em construções reflexas	CONVENCER-SE	430	182	30%	612
predicados ternários	PERSUADIR [SN]	73	10	12%	83
	CONVENCER [SN]	961	304	24%	1.265
	INFORMAR [SN]	1.428	1.124	44%	2.552
	ACUSAR [SN]	17	16	48%	33

Quadro 3. Número estimado de ocorrências do verbo com e sem a preposição argumental *de* antes de orações completivas declarativas finitas (imediatamente adjacentes, no caso de predicados binários, ou com até 4 palavras interpoladas, no caso de predicados ternários), no CETEMPúblico

Note-se que nenhum destes verbos aceita: (i) a pronominalização com *isso* simples, apenas a pronominalização com o demonstrativo precedido de preposição (*disso*); (ii) a combinação com complementos infinitivos não preposicionados; os complementos infinitivos ou não são usados (como acontece com *discordar*) ou, sendo-o, o que por vezes até é muito frequente, são sempre precedidos pela preposição *de*, ou eventualmente outras preposições; (iii) a combinação com complementos nominais não preposicionados. Estes factos justificam a classificação dos verbos como não transitivos diretos e a postulação da preposição *de* na sua grelha argumental.

Há três verbos que se distinguem por apresentarem taxas de queísmo acima de 50% no registo jornalístico: *discordar*, *lembrar-se* e *esquecer-se*. Em relação a *discordar*, com a impressionante taxa de queísmo de 77% – ao nível dos predicados da secção 3.1 –, nenhum dos três dicionários consultados dá abonações com complementos frásicos. Também não há registos destas combinações no *corpus* de texto literário português Vercial, mas no *corpus* afim brasileiro OBras, aparecem duas abonações, ambas com *de que* – e.g. “Alguns comedores bons **discordam de que** a nossa cozinha seja completa.” (Mário de Andrade, *Os filhos da Candinha*, [1943], in OBras). O facto de, como veremos na secção 4.2, o queísmo ser absolutamente predominante com o antónimo *concordar* (90%), tendo registos lexicográficos e sendo reconhecido como canónico na variedade padrão, pode talvez explicar a boa aceitação (e predomínio) do queísmo com *discordar*.

Fernandes (1990/1940) dá abonações de construções com queísmo (muitas de texto literário) para seis dos verbos do Quadro 3: *lembrar-se*, *recordar-se*, *esquecer-se*, *certificar-se*, *queixar-se* e *informar*, falando em “elipse” ou “omissão” da preposição *de*, ou em “elemento prepositivo

subentendido”. Pesquisas no Vercial revelam bastantes exemplos, mesmo para os predicados com taxas mais baixas do Quadro 2:

- (20) “Por esse tempo, Jorge começou a **queixar-se que** as suas camisas andavam mal engomadas.” (Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, 1878, in Vercial)
- (21) “Eu direi confidencialmente ao ouvidor [...] que **persuada** a Sr^a D. Maria Isabel **que** os seus prédios são administrados por sua conta [...]” (Camilo Castelo Branco, *A Filha do Regicida*, 1875, in Vercial)

Podemos conjecturar que o uso contemporâneo do queísmo, na escrita, se correlaciona com a tentativa de “elear o registo” pelo facto de se observarem taxas significativamente mais baixas entre predicados sinónimos, para aqueles que são menos comuns e porventura sentidos como pertencentes a um “registo mais elevado”: e.g. com *recordar-se*, observa-se 48% de queísmo, mas com o verbo mais comum *lembrar-se* 68%; com *persuadir*, 12%, mas com o verbo mais comum *convencer* 24%; com *advertir* 15%, mas com os verbos mais comuns *avisar* e *prevenir* 32% e 48%, respetivamente. Parece ser, de facto, uma questão mais estilística que gramatical.

Uma construção curiosa, que tanto quanto sei não foi discutida na literatura, envolve queísmo e coordenação de completivas finitas. Em estruturas coordenadas, pode haver uma situação intermédia, em que no primeiro membro da coordenação se preserva a preposição argumental, mas em todos os membros subsequentes se usa a conjunção integrante sem preposição (isto é, queísmo), como acontece nos seguintes exemplos, de texto traduzido (o segundo com um verbo discutido em 3.1):

- (22) “Henning **avisara** todos **de que** os rochedos estavam escorregadios **e que** deviam deslocar-se com cautela entre os edifícios.” (Camilla Läckberg, *O Cuco*, texto original sueco, Porto Editora, 2023, p. 126)
- (23) “[...] há muito que todos **desconfiavam de que** se passavam coisas estranhas no n.º 245 da Terrasse Avenue **e que** não fora por acaso que tudo tinha acabado mal.” (Joël Dicker, *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, trad. do francês, Alfaguara, 2013, p. 460)

O estatuto desta construção, que configura uma espécie de “queísmo parcial”, não é claro. Creio que os falantes mais conservadores, que preferem evitar o queísmo, tenderão a preferir as formas com repetição da preposição em todos os constituintes coordenados, como em (24) abaixo, mas, não tendo feito inquéritos, não estou seguro de que a preferência seja de facto essa.

- (24) “**Preveniui-me de que** era teimoso como um burro **e de que** viria a meter o nariz no processo.” (Joël Dicker, *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, trad. do francês, Alfaguara, 2013, p. 57)

4. Supressão de outras preposições argumentais além de *de* antes de orações completivas declarativas finitas em português

Em relação às construções que envolvem outras preposições, sobre que tem havido menos reflexão na literatura, farei uma análise com foco em três preposições frequentemente suprimidas com certos verbos (*em*, *com*, *para*) e uma breve menção a outras preposições menos comumente suprimidas (*a*, *por*).

4.1 Supressão da preposição *em*

O número estimado de ocorrências com e sem queísmo, para os verbos (com taxas mais elevadas de frequência no CETEMPúblico) que selecionam exclusiva ou maioritariamente a preposição argumental *em*, é dado no Quadro 4. Dois verbos que também selecionam a preposição *em*, mas são mais frequentes em combinação com a preposição *com*, *concordar* e *preocupar-se*, serão tratados adiante na secção 4.2.

	OUTRA PREP. + QUE	EM QUE	QUE		total
CRER	—	0	7.344	100%	7.344
ACREDITAR	—	20	12.745	99,8%	12.765
REPARAR	—	1	1.178	99,9%	1.179
APOSTAR	—	32	238	88%	270
CONFIAR	—	87	290	77%	377
INSISTIR	223 (para que)	1.005	1.490	55%	2.718
INSISTIR [COM SN]	69 (para que)	3	5	6%	77

Quadro 4. Número estimado de ocorrências do verbo com e sem a preposição argumental *em* ou outra antes de orações completivas declarativas finitas (imediatamente adjacentes, ou com SN de até 4 palavras no caso de *insistir com* + SN interposto), no CETEMPúblico

O comportamento gramatical destes verbos também é variável. Com os três primeiros verbos – *crer*, *acreditar* e *reparar* –, há alguns registos no CETEMPúblico, em número residual, da sua combinação direta com o pronome *isso*, o que milita a favor da sua classificação como verbos transitivos diretos básicos. Porém, a pronominalização com preposição (*nisso*) é absolutamente predominante também nestes casos: *crer* (6 vs. 3 registos), *acreditar* (258 vs. 2 registos), *reparar* (39 vs. 2 registos). Com os restantes verbos do Quadro 4, só ocorre a combinação com *nisso*, justificando a consideração inequívoca da preposição *em* na sua grelha argumental.

Consideremos a combinação dos verbos do Quadro 4 com os diferentes tipos de complementos não pronominais. *Crer* e *acreditar* ocorrem regularmente com complementos infinitivos; com *crer* estes nunca são preposicionados, com *acreditar* são-no apenas esporadicamente (13 vs. 779 registos, no CETEMPúblico). Aliás, estes dois verbos são registados em dicionários

como transitivos diretos, sendo compatíveis inclusivamente com complementos nominais (cf. e.g. *se acreditarmos os autores árabes*, Alexandre Herculano *apud* Fernandes 1990 [1940]), uma combinação que, no registo que estamos a considerar, é muito residual no português europeu contemporâneo (excetuando formas mais ou menos cristalizadas, como *fazer crer o contrário*). Dados estes factos, é natural que a combinação direta com completivas finitas seja considerada plenamente canónica (possivelmente, sem sequer instanciar uma elipse de preposição), e até de uso quase exclusivo: note-se que não há um único registo de *crer em que* no CETEMPúblico e apenas 20 de *acreditar em que*. Os três dicionários consultados alinham com esta visão, dando apenas abonações de combinações diretas.

Quanto a *reparar*, não há registos da sua combinação com complementos infinitivos no CETEMPúblico, mas ela não parece agramatical, sintomaticamente se os complementos não forem preposicionados – *vários assuntos, que eu reparei estarem a ser resolvidos de forma displicente, iam ser discutidos na reunião*. A combinação de *reparar* com complementos declarativos finitos parece ser plenamente aceite (e aliás preferida), mesmo na variedade padrão mais conservadora, como mostra o número de 99,9% no quadro acima. Este uso é reconhecido nos três dicionários consultados, que apenas dão abonações com *reparar que* (não com *reparar em que*). Fernandes (1990 [1940]) faz um curioso alerta: “Repugna aos gramáticos admitir como *transitivo* o verbo *reparar* (...). Para eles, em frases como *repare que ele é prestigiado – não reparou que o seguiam*, está subentendida a preposição *em* (...). Penso, entretanto, que o complemento verbal é francamente direto, e *reparar* aí vale o mesmo que *ver, notar, observar, atentar em*”.

Quanto a *confiar*, raramente é combinado com complementos infinitivos, mas há alguns registos CETEMPúblico, com predomínio dos complementos infinitivos não preposicionados (5 vs. 2 registos). Quanto à combinação direta de *confiar* com complementos declarativos finitos, não há registos nos três dicionários consultados. Há, porém, muitíssimas abonações literárias dela – e.g. “Ninguém parecia ter uma noção exacta de reformas definidas: mas todos, vagamente, **confiavam que** da República escorreria a felicidade pública (...).” (Eça de Queirós, *A Capital*, 1925, in Vercial). Creio que a construção com *queísmo* é plenamente aceite pelos falantes, mesmo na variedade padrão mais conservadora, a par da construção sem *queísmo* – cf. número significativo de registos no Quadro 4.

Quanto a *apostar*, ocorre regularmente com complementos infinitivos, mas neste caso, diferentemente dos anteriores, estes são predominantemente preposicionados (197 [95%] vs. 10 registos, no CETEMPúblico). Há, porém, várias abonações da combinação sem preposição: “Acompanhava-o já outro cavaleiro... que alguns esculcas **apostavam ser** Garcia Bermudes.” (Alexandre Herculano, *apud* Fernandes, 1990/1940). Da combinação direta de *apostar* com complementos declarativos finitos (*apostar que*) são dados muitos exemplos em dicionários; curiosamente, a combinação com preposição (*apostar em que*) não é ilustrada em nenhum dos três dicionários consultados e não tem registos no Vercial nem no OBras. Assim, no caso de *apostar*, a haver alguma construção de validade questionável na variedade padrão conservadora, será a construção preposicionada. Em todo o caso, *apostar em que* constitui uma formulação relativamente comum no texto jornalístico português contemporâneo (correspondendo a 12% dos registos relevantes) e ocorre também em texto ficcional traduzido, como exemplificado em (25).

- (25) “[...] pode sempre matar um de nós e **apostar em que** o vídeo não é divulgado [...]” (Peter Mohlin & Peter Nyström, *A Outra Irmã*, trad. do inglês, original sueco, D. Quixote, 2023, p. 143);

Finalmente, quanto a *insistir*, também ocorre regularmente com complementos infinitivos e também neste caso, como com *apostar*, predomina a preservação da preposição *em*: no CETEMPúblico, 2.321 registos de *insistir em* V_{INF} (97%) vs. 78 registos de *insistir* V_{INF} (e ainda 9 registos de *insistir para* V_{INF}). Creio que muitos registos sem preposição, envolvendo essencialmente descrições estatísticas, não são sentidos como estranhos – “Rosignolo (...) **insistiu estar** em causa um apelo à motivação e à confiança do trabalho em equipa (...)” (CETEMPúblico, ext169999-eco-95b-1) – ainda que outros, com descrições eventivas, possam sê-lo – “Mas a CGTP (...) **insiste assinar** o acordo.” (CETEMPúblico, ext145157-eco-96b-1). Quanto à combinação direta de *insistir* com complementos declarativos finitos, existem registos no Dicionário da Academia e em Fernandes (1990/1940); não há registos de *insistir em que* em nenhum dos três dicionários, mas *insistir em que* (ao contrário de *apostar em que*) ocorre no Vercial (onde há 11 registos de *insistir em que* vs. 8 de *insistir que*) – cf. (26). Os tradutores de texto ficcional, além dos escritores e dos jornalistas, também oscilam entre *insistir em que* e *insistir que*.

- (26) “Recebeu Inocência esta soma, mas **insistiu em que** se lhe deviam os cem áureos anuais [...]” (Alexandre Herculano, *História de Portugal*, 1846, in Vercial); “Os fidalgos (...) **insistiam que** se lhes concedesse uma distinção.” (Camilo Castelo Branco, *A Corja*, 1880, in Vercial)

Importa, finalmente, notar que nem todos os verbos compatíveis com completivas finitas introduzidas pela preposição *em* ocorrem associados a queísmo. É o caso, por exemplo, de *consistir* ou *residir*, de que há 67 e 54 registos no CETEMPúblico imediatamente seguidos de *em que* e de que não há registos com queísmo, que aliás parece totalmente agramatical – cf. *o problema reside/consiste *(em) que somos poucos para o trabalho que há*.

4.2 Supressão da preposição *com*

O número estimado de ocorrências com e sem queísmo, para os verbos (com taxas mais elevadas de frequência no CETEMPúblico) que selecionam exclusiva ou maioritariamente a preposição argumental *com*, é dado no Quadro 5.⁸

8 O valor semântico de *concordar* em combinação com a preposição *com* pode não ser exatamente o mesmo que em combinação com a preposição *em*. Por facilidade, não separei as duas aceções do verbo nas estruturas com queísmo.

	OUTRA PREP. + QUE	COM QUE	QUE		total
CONTAR	—	7	192	96%	199
CONCORDAR	171 (em que)	9	1.615	90%	1.795
IMPORTAR-SE	3 (de que)	1	105	96%	109

Quadro 5. Número estimado de ocorrências do verbo com e sem a preposição argumental *com* ou outra antes de orações completivas declarativas finitas (imediatamente adjacentes), no CETEMPúblico

Como se pode ver, os três verbos representados apresentam taxas de queísmo iguais ou superiores a 90% no registo jornalístico português, sendo absolutamente residual a realização da preposição *com* antes da conjunção integrante *que*. Porém, nenhum destes verbos ocorre, no CETEMPúblico, associado diretamente ao pronome *isso*, mas antes, exclusiva ou preferencialmente associados a *com isso*.

Consideremos a combinação destes três verbos com complementos infinitivos e nominais não preposicionados e atentemos nos seus registos lexicográficos com queísmo. O verbo *contar* (no sentido relevante) é regularmente combinado com complementos infinitivos não preposicionados (rejeitando, normalmente, a preposição *com* nestes contextos e admitindo esporadicamente *em*) – *a equipa conta ganhar o jogo*. A combinação com frases infinitivas é até mais frequente que com frases finitas, havendo dela mais de 1.000 registos no CETEMPúblico. O verbo *contar*, com o mesmo valor, combina-se até com certos complementos nominais não preposicionados, ainda que este uso claramente transitivo direto não seja frequente atualmente (cf. e.g. “A França, por outro lado, contava um belo exército.”, Rui Barbosa, *apud* Fernandes, 1990/1940). O queísmo com *contar* é plenamente aceite, mesmo em contextos muito formais, sendo aliás a forma *contar com que* sentida como menos natural (e havendo dela apenas 7 registos no CETEMPúblico, contra 192 de *contar que*) – e.g. “(...) ontem ao fim da tarde, a organização **contava com que** o Presidente estivesse representado na cerimónia.” (ext54745-soc-93a-1). A construção com queísmo tem abonações nos três dicionários consultados, ao passo que a construção *contar com que* não tem.

À semelhança do que acontece com *contar*, o verbo *concordar* é regularmente combinado com orações infinitivas não preposicionadas (e.g. *concordámos estarem reunidas as condições*), embora seja mais frequente a presença da preposição *em*, principalmente se estiverem envolvidas descrições eventivas (e.g. *concordámos em fazer o trabalho*); quase nunca se combina com a preposição *com*, apesar de a pronominalização mediante *com isso* ser predominante. No CETEMPúblico, há 988 registos (89%) de *concordar em* + V_{INF} , um único registo de *concordar com* + V_{INF} e 127 registos (11%) de *concordar* + V_{INF} . Quanto à combinação com orações finitas, há abonações literárias e registos lexicográficos da combinação *concordar que* e *concordar em que*. Curiosamente, nenhum dos três dicionários consultados nem os *corpora* de texto literário Verical e OBras registam a combinação *concordar com que*, que se afigura, aliás, como muito pouco natural, havendo dela apenas 9 registos (0,5% do total) no CETEMPúblico: “Ontem, [Sampaio] mostrava-se contente com a «dinâmica (...)» da campanha, mas **concorda com que** é preciso pôr um travão nos entusiasmos excessivos.” (ext1398839-nd-96a-2).

O verbo intrinsecamente pronominal *importar-se* também se combina regularmente com complementos oracionais infinitivos, mas tipicamente com a preposição *de* (única combinação

registada no CETEMPúblico), não com a preposição *com* ou sem preposição: *ele não se importa {de trabalhar / ??com trabalhar / ??trabalhar} mais horas*. Dos três dicionários consultados, só o Dicionário da Academia dá abonações com complementos oracionais (finitos ou infinitivos): *Importa-se que eu veja? Importa-se de sair?* A construção com *importar-se* e queísmo é excecional, na medida em que o verbo não aceita, como outros em que o queísmo é plenamente canónico na variedade padrão conservadora, quaisquer outros complementos não preposicionados.⁹ Ainda assim, a aceitação do queísmo parece ser consensual e atinge a taxa de 96% no CETEMPúblico, sendo porventura sentidas como pouco naturais as construções com *importar-se com que*, de que há apenas 1 registo no CETEMPúblico – “As mães [desta espécie de símios] até nem se **importam com que** os filhos morram, se o pai desaparecer.” (CETEMPúblico, ext225412-opi-98a-2).

As três construções, *contar que*, *concordar que* e *importar-se que*, observam-se regularmente em texto ficcional traduzido (no caso de *concordar*, em competição com *concordar em que*):

- (27) “Huldar estava a **contar que** ela estivesse tão [...] preocupada que nem sequer tivesse ouvido a sugestão [...]” (Yrsa Sigurdardóttir, *A Consequência*, trad. do inglês, original islandês, Quetzal, 2024, p. 460)
- (28) “Os dois **tinham concordado que** o momento mais propício [...] seria na altura em que o café fosse servido [...]” (Ragnar Jónasson, *Noite Cega*, trad. do inglês, original islandês, Topseller, 2017, p. 139)
- (29) “[...] deve ter um chefe muito tolerante que não **se importa que** ela escreva *tweets* regularmente ao longo do dia.” (Robert Galbraith, *Coração Negro como Tinta*, trad. do inglês, Editorial Presença, 2023, p. 150)

4.3 Supressão da preposição *para*

Considerarei nesta secção um conjunto de seis verbos, que oscilam entre a seleção da preposição *para* e da preposição *de*, predominando *de* (*avisar*, *prevenir*, *advertir*, *notificar*) ou *para* (*alertar*), ou entre a seleção da preposição *para* e da preposição *a*, predominando *para* (*apelar*). Com *alertar* e *apelar*, interessa separar o seu uso como predicados binários (com o argumento Alvo anulado *sensu* Peres & Móia, 1995, pp. 49–50) e como predicados ternários. O número estimado de ocorrências com e sem queísmo, para estes verbos é dado no Quadro 6.

9 Creio que *importar-se* é o único verbo intrinsecamente pronominal com o qual o queísmo tem aceitação elevada, porventura inesperada. Como refere Barbosa (2013, p. 1870): “todos os verbos intrinsecamente pronominais que seleccionam um argumento interno determinam que este seja um complemento obliquo introduzido por uma preposição”.

		OUTRA PREP. + QUE	PARA QUE	QUE		TOTAL
predicados binários	APELAR	243 (A QUE)	299	7	1,3%	549
	ALERTAR	—	111	365	77%	476
predicados ternários	APELAR [a SN]	4 (A QUE)	866	175	17%	1.045
	PREVENIR [SN]	49 (DE QUE)	4	48	48%	101
	AVISAR [SN]	866 (DE QUE)	27	421	32%	1.314
	ADVERTIR [SN]	213 (DE QUE)	49	47	15%	309
	ALERTAR [SN]	49 (DE QUE)	81	14	10%	144
	NOTIFICAR [SN]	74 (DE QUE)	31	6	5%	111

Quadro 6. Número estimado de ocorrências do verbo com e sem a preposição argumental *para* ou outra antes de orações completivas declarativas finitas (imediatamente adjacentes, no caso de predicados binários, ou com até 4 palavras interpoladas, no caso de predicados ternários), no CETEMPúblico

Consideremos separadamente os diferentes casos. Os três predicados ternários sinónimos *prevenir*, *avisar* e *advertir* usam-se mais comumente com a preposição *de* do que com a preposição *para* e apresentam taxas de queísmo em linha com as dos predicados ternários do Quadro 3, acima, entre 15% e 48%. Fernandes (1990/1940) dá abonações (de texto literário) de construções com queísmo para estes três verbos, referindo a existência de “elipse de preposição”. Curiosamente, todas as abonações com complementos finitos nos três dicionários consultados usam a preposição *de* (*de que*), não *para* (*para que*). Importa sublinhar que estes três verbos podem ser usados binariamente, sem explicitação do Alvo da advertência, mas nesse caso são usados canonicamente com um complemento frásico não preposicionado (e por isso não são registados no Quadro 6), como acontece em (30); este uso não deve ser confundido com aquele que aqui nos ocupa, que é do tipo de (31):

- (30) O ministro {preveniu / avisou / advertiu} **que** as negociações teriam de estar concluídas até ao final do mês.
- (31) O ministro {preveniu / avisou / advertiu} os sindicatos (**de/para**) **que** as negociações teriam de estar concluídas até ao final do mês.

No caso de *alertar*, importa também distinguir dois usos próximos comparáveis: como predicado binário, sem explicitação de um Alvo, como em (32), e como predicado ternário, como explicitação de um Alvo, tipicamente [+Humano], realizado como complemento direto ou sujeito de passiva, como em (33).

- (32) As autoridades alertaram (**para**) **que** o muro estava em perigo iminente de derrocada.
- (33) {As autoridades alertaram os municípios / Os municípios foram alertados} (**para/de**) **que** o muro estava em perigo iminente de derrocada.

O verbo *alertar* é comumente usado, no CETEMPúblico, com uma grelha argumental semelhante à *prevenir*, *avisar* e *advertir*, com a diferença de que, no uso binário, alterna a combinação direta com a frase finita, seguindo o modelo de (30), em 77% dos casos, e a combinação mediada pela preposição *para*, seguindo um modelo próprio, em 23% dos casos; o facto de na primeira situação se poder ponderar a omissão da preposição *para* (isto é, *queísmo*) é o que justifica a inserção de *alertar* binário no Quadro 6. No uso de *alertar* como predicado ternário, predomina a preposição *para* (não *de*, como no caso dos três verbos anteriores) e a taxa de *queísmo* é mais baixa, em torno de apenas 10%. Importa sublinhar que o uso de *alertar* nas construções (binárias ou ternárias) em causa, seguindo o modelo de *prevenir*, *avisar* e *advertir*, parece ser relativamente recente (uma impressão que, naturalmente, requer mais investigação): não tem registos nos três dicionários consultados (onde só se ilustra *alertar* sem complementos ou com complementos nominais preposicionados) e não tem abonações no Vercial (onde o verbo é, aliás, de uso extremamente infrequente). Assim, é difícil determinar se a aceitação de *alertar* em contextos formais com a grelha argumental de *prevenir*, *avisar* e *advertir* é totalmente consensual entre os falantes.

O verbo *notificar* também é usado comumente, no CETEMPúblico, com uma grelha argumental semelhante à de *prevenir*, *avisar* e *advertir*, apresentando, porém, um taxa de *queísmo* muito inferior, em torno de apenas 5%. Dos três dicionários consultados, só o Dicionário da Academia dá uma abonação da construção relevante, com complemento oracional finito (*notificar* [SN] *de que*). No Vercial, apenas ocorre a construção com uma grelha argumental semelhante à de *comunicar* (*notificar* [a alguém] *que*).

Finalmente, o verbo *apelar* também ocorre comumente, no CETEMPúblico, como predicado binário ou ternário (sem ou com explicitação do Alvo do apelo) com argumentos oracionais finitos: no uso binário, *apelar para que* ocorre em 54% dos casos, *apelar a que* em 44% dos casos e a taxa de *queísmo* é residual (apenas 1,3%); no uso ternário, com o Alvo explicitado mediante um complemento indireto dativo, *apelar* [a SN] *para que* ocorre em 83% dos casos, *apelar* [a SN] *a que* é de uso residual e a taxa de *queísmo* é de 17%. Curiosamente, os três dicionários consultados não dão qualquer abonação de *apelar* combinado com argumentos oracionais, apenas de *apelar* combinado com argumentos nominais precedidos de *para* (ou *de*, para outra aceção); Fernandes (1990/1940, p. 83), aliás, observa que “*Apelar a alguém* ou *a alguma coisa* é regência condenada pelos mestres.” O Vercial também não regista a construção, que parece, pois, ser de difusão recente. Dada a elevadíssima frequência dos usos em causa, observa-se uma clara desatualização dos registos lexicográficos.

Assim, três dos seis verbos (*alertar*, *notificar* e *apelar*) parecem não ter registos literários antigos das combinações com completivas finitas. Porém, estas, possivelmente, não são exatamente novas na língua, já que ocorrem também em português brasileiro, no mesmo tipo de registos.¹⁰

Interessa, finalmente, notar que a maior parte dos verbos que selecionam a preposição argumental *para* antes de complementos declarativos finitos rejeitam fortemente o *queísmo*. Refiram-se, por exemplo, *bastar/chegar para que*, *contribuir/concorrer para que*, *trabalhar para que*, *servir para que*, *caminhar para que*, *pressionar para que*, *preparar-se para que* ou *faltar* [SN] *para que*.

10 Número de registos no NILC/São Carlos: *alertar para que* (5), *alertar que* (102); *alertar* [SN] *para que* (10), *alertar* [SN] *de que* (20), *alertar* [SN] *que* (18); *notificar* [SN] *para que* (17), *notificar* [SN] *de que* (10), *notificar* [SN] *que* (4); *apelar para que* (19) *apelar a que* (0); *apelar* [a SN] *para que* (15), *apelar* [a alguém] *a que* (0), *apelar* [a alguém] *que* (4).

Há ainda um conjunto de verbos que oscilam entre a seleção da preposição *para* e da preposição *por*, mas predominando a preposição *para*, que também não se observam normalmente associados a queísmo, e.g. *esforçar-se para/por que*, *torcer para/por que*, *lutar/bater-se para/por que*.

4.4 Supressão de outras preposições

Observam-se, por vezes, construções com supressão de preposições argumentais distintas das quatro já referidas (*de*, *em*, *com*, *para*). Destaca-se em particular a preposição *a*, que é suprimida, esporadicamente, antes da conjunção integrante *que*, com alguns verbos, como os incluídos no Quadro 7 – cf. exemplo em (34). Um outro exemplo, com a preposição *por* (e o verbo *optar*) está ilustrado em (35) (registo único no CETEMPúblico). Como se pode verificar, trata-se de construções que ocorrem em números baixos em texto escrito e que os falantes provavelmente evitam em registos formais.

- (34) “A interligação dos mercados [...] **levou que** a Bolsa de Tóquio não tivesse ontem registado alterações significativas.” (CETEMPúblico, ext535799-eco-93b-1)
- (35) “[...] [Marcelo] já **tinha optado que** o seu magistério à frente do PSD não iria ser pautado pela linha pura e dura partilhada por Pacheco.” (CETEMPúblico, ext1173806-nd-97a-2)

		A QUE	QUE		total
predicados binários	ATENDER	461	31	6%	492
	OPOR-SE	100	5	5%	105
	OBRIGAR	828	34	4%	862
	AJUDAR	179	3	2%	182
	LEVAR	2.758	5	0,2%	2.763

Quadro 7. Número estimado de ocorrências do verbo com e sem a preposição argumental *a* antes de orações completivas declarativas finitas (imediatamente adjacentes), no CETEMPúblico

Não há registos da aplicação direta dos cinco verbos do Quadro 7 a completivas finitas nos três dicionários consultados, nem nos *corpora* Vercial ou OBras. Este facto está em linha com a sensação de alguma marginalidade ou grande informalidade que as construções despertam em muitos falantes. Sublinhe-se que muitos verbos que selecionam a preposição *a* antes de completivas finitas rejeitam fortemente o queísmo. Refiram-se, por exemplo, *conduzir a que*, *sujeitar-se a que* ou *aceder a que*, que não têm registos associados a queísmo no CETEMPúblico.

5. Conclusões

Uma conclusão curiosa deste trabalho, confirmando observações na literatura, é que não há um paralelismo perfeito entre a combinação com complementos oracionais e a pronominalização. Dois exemplos: (i) no CETEMPúblico, *concordar que* é predominante (90%), *concordar em que* é minoritário (10%) e *concordar com que* é de uso residual; já na pronominalização, *concordar com isso* é de uso quase exclusivo (98%), *concordar nisso* é de uso residual (2%) e *concordar isso* não ocorre (e é agramatical); (ii) no conjunto de verbos que oscilam entre a seleção da preposição *para* e da preposição *por* (e.g. *esforçar-se para/por que*, *bater-se para/por que*), predomina a preposição *para* com complementos oracionais finitos, mas a preposição *por* para complementos pronominalizados; *para que* ocorre em 84% dos casos, com *esforçar-se*, e em 92% dos casos com *bater-se*; já na pronominalização *esforçar-se por isso* (não *para isso*) ocorre em 86% dos casos e *bater-se por isso* em 100% dos casos. As assimetrias em causa levam a que o teste da pronominalização não garanta resultados sempre fiáveis relativamente à presença da preposição – e.g. *gostar que*, mas *gostar disso*, *reparar que*, mas *reparar nisso*, *importar-se que*, mas *importar-se com isso* (cf. ainda (12) e (13) acima).

Uma das conclusões gerais mais relevantes deste trabalho é que os verbos podem ter comportamentos distintos uns dos outros, revelando idiossincrasias, mas tendem a agrupar-se em classes. Creio que podemos distinguir cinco grupos, no que respeita à prevalência do queísmo no registo escrito (observada nos dados do CETEMPúblico) e à maior ou menor aceitação deste na escrita formal do português europeu. Segue-se uma lista dos principais predicados analisados neste trabalho, separados por grupos, com adição de indicações estilísticas de uso (naturalmente subjetivas, refletindo a opinião do autor). As formas registadas em (36)-(41) seriam, por exemplo, as que eu recomendaria a tradutores ou, como base no ensino, a professores de português como língua estrangeira.

Grupo 1. Queísmo exclusivo ou muito maioritário no registo escrito. Indicações estilísticas: uso preferencial sem preposição, mesmo no registo escrito formal; com alguns verbos, como os de (36), o uso da preposição pode ser sentido inclusive como muito pouco natural (cf. e.g. Barbosa, 2013, p. 1872; sobre *acreditar*).

- (36) precisar que, necessitar que; crer que, acreditar que, reparar que, apostar que, concordar que (= “com que”), importar-se que
- (37) gostar (de) que, suspeitar (de) que, desconfiar (de) que; confiar (em) que, concordar (em) que; contar (com) que

Grupo 2. Queísmo maioritário, mesmo no registo escrito. Indicações estilísticas: uso e supressão da preposição em variação livre, no registo escrito formal, mas eventual preferência pela realização da preposição por parte dos falantes mais conservadores.

- (38) duvidar (de) que, discordar (de) que, alertar (para) que

Grupo 3. *Queísmo* comum, mesmo no registo escrito. Indicações estilísticas: uso preferencial com preposição no registo escrito mais formal; uso preferencial da preposição *de* em vez de *para* (nos casos em que as duas são possíveis, com exceção de *alertar*).

- (39) esquecer-se de que, lembrar-se de que, queixar-se de que, convencer-se de que, certificar-se de que, aperceber-se de que, recordar-se de que; persuadir [SN] de que, convencer [SN] de que, informar [SN] de que, acusar [SN] de que; apelar para/a que; prevenir [SN] de que, avisar [SN] de que, advertir [SN] de que, alertar [SN] para/de que; apelar [a SN] para que

Grupo 4. *Queísmo* raro no registo escrito. Indicações estilísticas: uso claramente preferencial da preposição no registo escrito mais formal.

- (40) insistir [com SN] para que, notificar [SN] de/para que, atender a que, opor-se a que, obrigar a que

Grupo 5. *Queísmo* extremamente raro no registo escrito ou não atestado. Indicações estilísticas: uso obrigatório da preposição no registo escrito; forte sensação de anomalia se a preposição for omitida.

- (41) consistir em que, residir em que; ajudar a que, levar/conduzir a que, sujeitar-se a que, aceder a que; optar por que; bastar/chegar para que, faltar [SN] para que; esforçar-se para/por que, lutar/bater-se para/por que.

Geralmente, os autores associam a possibilidade de supressão de preposição ao valor semântico da mesma: as preposições suprimíveis não teriam valor semântico, enquanto que as que têm valor semântico não são suprimíveis. Barbosa (2013) coloca a questão nos seguintes termos, algo vagos

Este fenómeno de supressão não afeta todas as preposições de igual modo e ocorre sobretudo nos contextos em que o contributo da preposição é reduzido, como é o caso da preposição *de*, que, na maioria dos contextos em que ocorre, é praticamente desprovida de significado e tem uma função puramente gramatical. Quando as preposições têm um contributo semântico significativo, não são geralmente suprimidas [...] (2013, p. 1871)

Creio que a ideia geral subjacente a esta hipótese é válida, mas ela carece de maior formalização (e fundamentação) à luz de uma teoria sólida de papéis temáticos, que atenda à grande diversidade de preposições e predicados com que o *queísmo* ocorre. Por exemplo, se a preposição é um mero operador sintático sem significado (uma pseudopreposição), não é muito claro porque há tanta variação na sua forma (*de*, *a*, *com* e *para*, pelo menos). Deixo uma análise mais profunda desta questão para investigação futura.

Uma última palavra, para dizer que neste trabalho não foram considerados quaisquer dados do registo oral espontâneo. Seria, porém, muito interessante comparar os números observados aqui com os desse registo, de modo a obter uma visão mais integral do sistema gramatical português.

Referências bibliográficas

- Alexandre, N. (2000). *A Estratégia Resumptiva em Orações Relativas*. Master's thesis, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Almeida, N. M. (1999). *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* (44th edition). Editora Saraiva. Original work published 1943.
- Barbosa, P. (2013). Subordinação argumental finita. In E. P. Raposo et al. (Orgs.), *Gramática do Português* (pp. 1819–1897). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Blas Arroyo, J. L., & M. Velando Casanova (2022). *El queísmo en la historia. Variación y cambio lingüístico en el régimen preposicional del español (siglos XVI–XXI)*. Walter de Gruyter.
- Cunha, C., & L. F. L. Cintra (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Ed. João Sá da Costa.
- Dicionário da Academia. (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Editorial Verbo.
- Dicionário Houaiss. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. (1st edition). Editora Objetiva.
- Duarte, I. (2003). Subordinação completiva – as orações completivas. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. Faria, et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, (5th edition, pp. 593–651). Editorial Caminho.
- Fernandes, F. (1990). *Dicionário de Verbos e Regimes*, (37th edition). Editora Globo. Original work published 1940.
- Gómez Torrego, L. (1999). La variación en las subordinadas sustantivas: dequeísmo y queísmo. In I. Bosque, & V. Demonte (dir.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Real Academia Española (pp. 2149–2195). Espasa.
- Móia, T. (2024) A supressão de preposições argumentais antes de orações interrogativas indiretas no português europeu padrão contemporâneo. *Études Romanes de Brno*, 45(4), 128–151. <https://doi.org/10.5817/ERB2024-4-7>
- Peres, J. A., & T. Móia (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. (2nd edition, 2003). Editorial Caminho
- Soares Barbosa, J. (1881). *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios de Grammatica Geral Aplicados á nossa Linguagem*, (7th edition.) Typographia da Academia Real das Sciencias. Original work published in 1822.

Corpora consultados

- [CETEMPúblico] Corpus CETEMPúblico 2.0 v. 12.5, <http://www.linguatca.pt/ACDC/>
- [NILC/São Carlos] Corpus NILC/São Carlos v. 15.4, <http://www.linguatca.pt/ACDC/>
- [OBras] Corpus OBras v. 17.7, <http://www.linguatca.pt/ACDC/>
- [Vercial] Corpus Vercial v. 17.5, <http://www.linguatca.pt/ACDC/>



This work can be used in accordance with the Creative Commons BY-SA 4.0 International license terms and conditions (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/legalcode>). This does not apply to works or elements (such as images or photographs) that are used in the work under a contractual license or exception or limitation to relevant rights.